

# Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 20, Nº 2

2018

# **Universidade Federal da Paraíba**

## **Reitora**

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

## **Programa de Pós-Graduação em Letras**

### **Coordenadora**

Ana Cristina Marinho Lúcio

## **Revista Graphos**

### **Editores-Chefes**

Marta Pragana Dantas

Roberto Carlos de Assis

### **Organizadores do Dossiê**

#### **IMAGENS DA MULHER NO OCIDENTE**

Karine Rocha (Universidade Federal de Pernambuco)

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

### **Revisores**

Pedro Paulo Silva

Mateus Osório da Silva

### **Conselho Editorial**

Cristina Mello (Universidade de Coimbra, Portugal)

Gabriela Rodella de Oliveira (Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil)

Genilda Azerêdo (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Karine Rocha (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Laura Beard (University of Alberta, Canadá)

Lawrence Venuti (Temple University, Estados Unidos)

Liane Schneider (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Márcia do Amaral Peixoto Martins (Pontifícia Universidade Católica, PUC-Rio, Brasil)

Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil)

Paulo Fernando Henriques Britto (Pontifícia Universidade Católica, PUC-Rio, Brasil)

Ria Lemaire (Universidade de Poitiers, França)

Rui Carvalho Homem (Universidade do Porto, Portugal)

### **Pareceristas *ad-hoc***

Iêdo de Oliveira Paes (Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil)

José Roberto Andrade Féres (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Sherry Morgana Justino de Almeida (Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil)

## APRESENTAÇÃO

### IMAGENS DA MULHER NO OCIDENTE

Através do que se conhece como *critical invisibility*, as feministas afirmam que a crítica literária, durante muito tempo, se negou a aceitar a ideia de que mulheres escreviam. Não acreditando na capacidade feminina, a crítica, até então formada por homens, jogou as escritoras ao ostracismo, excluindo-as do cânone. Por conta deste e de outros fatores, na segunda metade do século XX inicia-se dentro da academia a crítica literária feminista. Esta é inaugurada a partir da publicação de livros importantes como *The feminine mystique* (Betty Friedan), *The dialect of sex* (Shulamith Firestone) e *Sexual politics* (Kate Millett), por exemplo. A crítica literária feminista anglo-americana irá surgir da necessidade de analisar, sob a ótica da mulher, obras masculinas canonizadas. Utilizando-se das ideologias feministas, acadêmicas irão analisar como a mulher era representada dentro da sociedade androcêntrica. Tal análise irá apontar caminhos para desconstruir estereótipos enraizados no ocidente para a mulher, geralmente dividida em dois polos: anjo e demônio.

A segunda etapa do trabalho das pesquisadoras se pautara em fortalecer a literatura de autoria feminina. Com esse foco, começará um trabalho de resgate de autoras do passado relegadas ao ostracismo pela crítica masculina, além da visibilidade de escritoras contemporâneas. Elaine Showalter irá propor a realização da ginocrítica, na qual mulheres que leem e estudam mulheres construirão um cânone literário feminino, paralelo ao masculino. Em outra via, pesquisadoras como Teresa de Lauretis e Judith Butler defendem a ideia de que o gênero é um conceito socialmente construído. As peculiaridades sexuais são significadas através de discursos que acabam gerando as diferenças dentro das comunidades nas quais os indivíduos estão inseridos. Jane Flax defende que o gênero pode ser analisado dentro das práticas sociais concretas que variam conforme a época, cultura, raça e idade. Para a crítica norte-americana as concepções masculino e feminino são internalizadas culturalmente, impulsionando os indivíduos a destinos já demarcados. Flax acredita que é preciso recuperar e explorar os aspectos da relação homem-mulher que foram suprimidos ou desacreditados pela cultura dominante, mostrando como a experiência feminina foi afetada.

Diante da atualidade e complexidade do tema, a Revista Graphos lança um número no qual pesquisadoras e pesquisadores brasileiros debatem acerca das imagens da mulher dentro da literatura ocidental. O leitor poderá refletir sobre a questão da maternidade através da literatura de Heloneida Studart. No artigo “A opressão materna em *Selo das despedidas*, de Heloneida Studart”, de Enedir Silva Santos e Kelcilene Grácia Rodrigues, as autoras colocam

em xeque a construção social da maternidade como algo exclusivamente positivo. Ao escrever sobre a maternidade, escritoras como Heloneida Studart descortinarão os diversos matizes da opressão social pela qual uma mulher passa ao se transformar em mãe. Uma dessas opressões está ligada ao corpo, que também aparece analisado no artigo “La violencia del ojo: cuerpo, fotografía y literatura”, de Cristina Gutiérrez Leale Beatriz Resende. Teoricamente embasado no pensamento de Diamela Eltit e Susan Sontag, o artigo mostra como, na literatura e na fotografia, a interpretação do corpo feminino leva à violência através de falas canônicas masculinas retrógradas.

Em “Intérpretes do Brasil: escritoras negras contra o patriarcado”, de Ricardo Ramos Shiota e Raffaella Fernandez, observamos a leitura da nossa sociedade feita por um segmento da sociedade secularmente silenciado. A visão da mulher negra canonizada em nosso imaginário através das interpretações de Gilberto Freyre, por exemplo, é questionada, tornando-se frágil. Ainda sobre a questão do engessamento da identidade feminina pelo patriarcado, temos o artigo de Ângela Paula Nunes Ferreira e Cristina Bongestab intitulado “Identidades e estereótipos femininos em *Nosotras que nos queremos tanto*, de Marcela Serrano”. Desta vez, poderemos refletir sobre os processos de opressão sofridos pela mulher branca chilena, que muitas vezes coincidem com aqueles sofridos pelas brasileiras. Através das personagens de Marcela Serrano, as leitoras podem encontrar caminhos para se libertarem das amarras do patriarcado e assumirem outras formas de identidade feminina. Provando que trilhar esse caminho exige tempo, temos o artigo “A criatura e a criadora: *Frankenstein*, de Mary Shelley, sob a ótica de *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf”, de autoria de Silvia M. F. A. da Silva Costa, Maria A. S. Magalhães de Sousa e Luciana E. de F. Calado Deplagne. Como sabemos, Woolf defende que a estrutura patriarcal jogou a mulher às margens da produção intelectual, negando-lhe, educação e condições materiais para o exercício do pensamento. No entanto, algumas mulheres conseguiram burlar essas barreiras e se fizeram pioneiras em vários setores; entre elas, está Mary Shelley, que não compôs a lista de escritoras de Virginia Woolf. Iniciadora do gênero ficção científica, detentora de renda e um teto próprio, a escritora inglesa sofreu preconceito do mercado editorial por ser mulher, mas sua obra consegue transpor os séculos, influenciando as artes ainda hoje.

Em “Do ciborgue às espécies companheiras: leituras de ficções de Jeanette Winterson e Karen Joy Fowler”, de Ildney Cavalcanti, vemos os avanços dos estudos feministas para além das questões binárias. Tendo como base o pensamento crítico de Donna Haraway, as obras de Jeanette Winterson e Karen Joy Fowler são analisadas com foco na ontologia pós-humana, levando o leitor a refletir sobre os atuais tempos distópicos.

No artigo “A mulher na tradição satírica no latim medieval e a misoginia em *De Amore*, de André Capelão”, Pedro Carlos Louzada Fonseca desenvolve um estudo que se volta para a disposição misógina de Capelão enquanto constituinte de uma forma literária satírica da época conjugada ao cultivado idealismo do amor cortês. A ideia da existência de um confronto estratégico da política misógina de estabilizar a figura feminina como um equilíbrio paradoxal perfeito, na medida em que servisse ao mesmo tempo para a difamação e para o elogio colocados à disposição das prerrogativas masculinas.

Intitulado “Com a palavra, uma mulher: o feminismo e *As ligações perigosas*”, o artigo de Philio Generino Terzakis se debruça no romance epistolar de Choderlos de Laclos, privilegiando a categoria do ponto de vista e o estudo do romance epistolar e da personagem da Marquesa de Merteuil, um tipo de Medeia do Século das Luzes que, embora viúva e sem filhos para assassinar, não hesita em ir até as últimas consequências para viver/sobreviver em uma sociedade dominada pelos homens.

Em “De histéricas a ninfomaníacas: imagens da mulher e da sexualidade feminina na ficção brasileira da *belle époque*”, Suzane M. da Veiga Silveira e Gilberto Araújo analisam a aparição de heroínas históricas em cinco personagens da prosa de ficção finissecular, de cunho simbolista e naturalista: *Hortência* (1888), de Marques de Carvalho; Ruth, do conto “Caso de Ruth”, presente em *Ânsia Eterna* (1903), de Júlia Lopes de Almeida; Dona Carolina ou Carola em *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha; Jessie, do conto “Paixão Lésbica”, presente em *Torturas do desejo* (1922), de Carlos de Vasconcelos; e Pérola Marina, do conto “Tempestades”, de Gilka Machado.

“O corpo negro como lócus da negação da identidade”, de Geniane Diamante Ferreira e Érica Fernandes Alves, é um artigo que explora dois poemas em língua inglesa, discutindo a questão da imposição do branqueamento e o apagamento das características dos corpos negros como meio de aceitação na sociedade, a saber: “Kinky Hair Blues”, de Una Marson, e “if your complexion is a mess”, de Harryette Mullen. A reflexão se baseia nas teorias sobre racismo, discriminação e identidade desenvolvidas por Hooks, Davies, Hall, entre outros. As discussões sinalizam que o corpo se figura como lócus da construção da identidade do negro, porém, ele deve negar sua cor e sua identidade para que tenha condições de pertencer à sociedade em que está inserido.

Depois desta sucinta apresentação das discussões que compõem os artigos elencados neste dossiê, fica o convite para a leitura como provocação no sentido de repensar a produção literária de autoria feminina em um cenário canônico que há muito tempo tenta tornar invisível

análises ou produções literárias que nos fazem sair da zona de conforto através de epistemologias que problematizam as relações de raça, classe e gênero.

Por fim, a seção Outros Artigos traz a contribuição de Lia A. Miranda de Lima e Eclair A. de Almeida Filho intitulada “Traduzir *Le cactus délicat*, de Robert Desnos: um Jean Valjean sertanejo”, em que os autores comentam a tradução por eles realizada do poema do autor surrealista.

Desejamos uma boa leitura.

João Pessoa, dezembro de 2018.

Karine Rocha

Sávio Freitas

(Organizadores do dossiê)